

AQUI D'EL REI (1991)

Realização: António-Pedro Vasconcelos / **Argumento:** Carlos Saboga, Vasco Pulido Valente, António-Pedro Vasconcelos / **Pesquisa histórica:** Maria Filomena Mónica / **Fotografia:** Mário Barroso / **Som:** Vasco Pimentel, Pedro Melo, Pedro Caldas / **Direcção Musical:** Bernard Gerard / **Música:** Alain Jomy / **Casting:** Patrícia Vasconcelos / **Decoração:** André Jarry, António Reis, Augusto Mayer, Joaquim Capitão, Juan Ardura / **Caracterização:** Jackie Reynal, Joelle Valente / **Adereços:** Rui Alves / **Cenários:** Manuel Ventura, José Matos / **Guarda-roupa:** Claude Catulle / **Coreografia:** Margarida de Abreu / **Anotação:** Ana Silva, Patrick Aubée / **Montagem:** Luís Sobral / **Com:** Ludmila Mikaël, Arnaud Giovaninetti, Jean-Pierre Cassel, Julie Sergeant, José Coronado, Christine Chevreux, Joaquim de Almeida, José Mário Branco, Antonio Ferrandis, Montserrat Salvador, Rogério Samora, Nuno Quadros, Carlos César, Pedro Efe, Erasmo Titose, Alberto Leitão, Horacio dos Santos, António Rosário, António Anjos, Jean-Luis De Talance, Filipe Ferrer, Raul Solnado, Fernando Mendes, Lourdes Norberto, Miguel Guilherme, Manuel Cavaco, Manuela Carlos, Victor de Sousa, Diogo Vasconcelos, Eugénio Salvador, Luísa Barbosa, João Bénard da Costa / **Produção:** Jean-Pierre Gallo, José Luís Vasconcelos (RTVE, RTP, La Sept, FR3, Caméras Continentales) / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cores, versão francesa com legendas eletrónicas em português / **Duração:** 228 minutos / Primeira exibição na Cinemateca: 30 de junho de 2018 (Ciclo António-Pedro Vasconcelos)

AQUI D'EL REI é um dos exemplos máximos de um género cinematográfico-televisivo (ou talvez o mais popular): o filme histórico, com acontecimentos retirados de períodos marcantes da história social e política de um país, de co-produção internacional e versões diferentes de distribuição (sendo que António-Pedro Vasconcelos apenas assume esta versão — em língua francesa, com a sua respectiva montagem sonora, e 228 minutos de duração — como a única que obedece à sua visão do filme), guiado, assumidamente, pela qualidade e exuberância da sua direcção artística, do rigor da sua caracterização, e de uma riqueza, na imagem e nos modos, que nos remete inteiramente para o quadro aparente desse passado. Por outras palavras, um chamado “cinema de qualidade” que encontrou, nas possibilidades e na duração televisiva estendida por episódios, um lugar de financiamento que ainda hoje perdura, embora o mundo das séries já seja bem diferente na sua forma e distribuição — longe, por

exemplo, da sombra de Luchino Visconti, inspiração cinéfila para este género e o realizador que melhor explorou (e juntou) as paixões humanas aos seus períodos históricos no grande ecrã (filmando-as como elas pediam para existir: sob o signo da fatalidade).

A raridade da produção de **AQUI D'EL REI**, no contexto português, advém do facto da dimensão deste último dificultar outras obras semelhantes em género e ambição. Importa referir, por isso, o rasto que o filme deixou na nossa cinematografia em termos de produção e equipa: Mário Barroso (responsável pela admirável fotografia) viria a trabalhar em registos semelhantes na sua primeira longa-metragem (**O Milagre Segundo Salomé**, 2004), e, em anos mais recentes, Raúl Ruiz e Valeria Sarmiento viriam também a adaptar períodos históricos portugueses, com elencos internacionais, para cinema e televisão (**Mistérios de Lisboa**, 2010; **As Linhas de Wellington**, 2012). Um nome atravessa todas estas obras: Carlos Saboga, um dos mais reconhecidos argumentistas da indústria portuguesa (com quem António-Pedro Vasconcelos já tinha co-assinado o argumento de **O Lugar do Morto**, em 1984). Embora não “adaptado” para televisão, convém ainda referir **Sem Sombra de Pecado** (1982) de José Fonseca e Costa, filme que olhava, por sua vez, para a bolha em que Portugal vivia (e a sua elite) durante a Segunda Guerra Mundial (com fotografia de Eduardo Serra).

Caímos, em **AQUI D'EL REI**, nos últimos anos da monarquia portuguesa, onde a popularidade de Mouzinho de Albuquerque, oficial que viria a defender o poder colonial do império português em território moçambicano e impulsionar, assim, o sentimento nacionalista e anti-monárquico, viria a criar um episódio de “populismo militar” que, depois da queda da monarquia e do fracasso da Primeira República, renasceria com o golpe militar de 28 de Maio de 1926, abrindo caminho àquilo que já se discutia nestes diálogos: a imposição de uma ditadura que acabaria, poucos anos depois, com a criação do Estado Novo (e o filme conta, na sua equipa de argumentistas, com um dos maiores especialistas históricos de todo este período: Vasco Pulido Valente). Tal como noutros filmes deste âmbito, importa, mais do que seguir um guião histórico, expôr a “ditadura” cínica das aparências ou, se preferirmos, a exposição de uma sociedade que, guiada pelo jogo das divisões sociais e dos jogos de poder entre as ambições de cada um (recordamos a chegada de Mouzinho de Albuquerque a Portugal com o povo a aclamá-lo, desencadeando episódios de violência que falavam pelo futuro do país), se via, dentro da sua bolha elitista e colonialista, completamente cegada por paixões sentimentais ao mesmo nível que as paixões políticas destruíam o país em que viviam. Episódios que diferem em aparência mas que, na sua substância, não diferem de outros na história do nosso país.

Francisco Valente